

"QUESTÃO DE MEIO E DE TEMPO": A DIALÉTICA NA CRÍTICA MACHADIANA DE ASTROJILDO PEREIRA

Não nos aflijamos se o socialismo apareceu na China primeiro que no Brasil. Cá virá a seu tempo. Creio até que já há um esboço dele. Houve, pelo menos, um princípio de questão operária, e uma associação de operários, organizada para o fim de não mandar operários à Câmara dos Deputados, o contrário do que fazem os seus colegas ingleses e franceses. Questão de meio e de tempo. Cá chegará, os livros já aí estão há muito, resta traduzi-los e espalhá-los.

Machado de Assis¹

Fracassadas as tentativas de 1890, 1895 e 1902, a criação de um partido socialista brasileiro cá viria somente em 1922, com a fundação do Partido Comunista do Brasil. Um dos principais articuladores dessa fundação, Astrojildo Pereira assumiu o posto de secretário geral do partido – que ocupou até 1929 – quando Abílio de Nequete renunciou ao cargo poucos meses depois de assumi-lo. José Paulo Netto desse modo descreve tal período:

Ao longo desses oito anos – quando assimila o marxismo pelo viés das lentes bolcheviques –, Astrojildo dirige o PCB com métodos democráticos, estimula o livre confronto de ideias e imprime a marca da sua generosidade na vida orgânica do partido.²

No entanto, nos anos 1930, com uma Internacional Comunista cada vez mais stalinista,³ o debate e o questionamento que Astrojildo levava ao PCB já não eram mais

¹ *Gazeta de Notícias*, 15 de abril de 1894.

² NETTO, José Paulo. Astrojildo: política e cultura. In PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. p. IX.

³ Reconhecer a complexidade pode, por vezes, paralisar a ação revolucionária, por isso "os dirigentes políticos das forças pragmaticamente comprometidas com a mudança tendem a mobilizá-las através de fórmulas não-dialéticas, cujo efeito lhes parece ser mais direto e imediato" (KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*: a

bem-vindos. Nesse período, o conceito de transformação social corporificado na ideia de revolução conforme a obra de Marx tinha ainda pouco alcance: "Embora chegasse a essa sociedade de uma certa forma, codificado nos textos originais ou parciais, o uso real da obra de Marx compunha-se de uma fração do sentido original da obra de Marx."⁴

O Partido Comunista do Brasil guardava muitas imprecisões conceituais, pois como diagnostica Konder:

[...] o pensamento de Marx – tal como foi trazido para o Brasil e assimilado pelo nascente marxismo brasileiro – sofreu a perda de sua dimensão dialética; essa perda foi determinada por fatores ligados à história do socialismo como movimento mundial em conjugação com fatores característicos da vida social e cultural do nosso país⁵

Após haver sido renegado pelo partido que fundou – sob a acusação de menchevista –, Astrojildo Pereira dedicou-se a estudar, aprofundar suas reflexões e escrever. Dedicou-se, sobretudo, à análise literária, centrando-se em Machado de Assis.⁶ Esse foi o período da vida de Pereira no qual – tolhido também pela caça aos comunistas então empreendida pelo governo Vargas – sobreviveu trabalhando numa quitanda.

O livro *Machado de Assis: – ensaios e apontamentos avulsos* foi publicado em 1959 e é – como o próprio título esclarece – uma coletânea de ensaios de Astrojildo Pereira sobre Machado de Assis organizada pelo próprio autor.

A organização do livro corresponde a um momento em que Astrojildo Pereira, readmitido aos quadros do PCB, ainda procurava – após o surgimento de denúncias contra

recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1985. p. 09). Um dos maiores exemplos de dirigente político que se valeu de tal procedimento foi Stalin. Daí os parâmetros positivistas que dominaram o chamado "marxismo soviético" ou "marxismo-leninismo" de Stalin, uma doutrina que se propunha simples e imponente, na qual a perspectiva de Marx perdeu sua dimensão dialética.

⁴ COSTA, Suely Gomes. *Signos em transformação: a dialética de uma cultura profissional*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 57.

⁵ KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*, cit., p. 45.

⁶ Vale lembrar que a devoção do intelectual a Machado de Assis data de sua juventude, quando da célebre visita que fez ao mestre moribundo.

o caráter ditatorial e violento do stalinismo – compreender as novas condições em que se desenvolveria a luta revolucionária.

Com a "desestalinização" ocorrida a partir de 1956, Astrojildo Pereira pôde redespertar seu pensamento crítico adormecido pelo recente sectarismo que norteava as ações do Partido Comunista do Brasil. *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos* é, portanto, o que Konder denominou uma insurreição "contra as esquematizações simplistas e sectárias".⁷

Cabe lembrar, todavia, que muitos dos artigos publicados pelo autor nessa coletânea já haviam sido escritos antes de 1956. Trata-se de uma obra particularmente significativa para o estudo do pensamento dialético de Astrojildo Pereira por ter sido escrita em dois tempos: no período stalinista – e também estado-novista –, com o senso crítico do autor limitado pela fidelidade ao partido; e após 1956, com a possibilidade de retomada da reflexão e do questionamento.

O livro constitui uma coletânea de ensaios histórico-sociológicos, gênero conceituado por Paulo Eduardo Arantes como um espaço em que "sínteses são tentadas, são procuradas explicações de nossa cultura, sempre no terreno sincrético e predileto do 'ponto de vista' não-especializado, um gênero misto, construído na confluência da criação literária e da pesquisa científica".⁸ Astrojildo Pereira embrenha-se nesse gênero e, valendo-se de uma seleção lexical pouco hermética ou técnica – utiliza, inclusive, expressões populares: "cada cabeça, cada sentença"–,⁹ expõe sua interpretação e entendimento da obra machadiana.

Em *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*, dialética é termo corrente (e recorrente), ao contrário do que aconselha Arantes:

⁷ KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros & marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. p. 17.

⁸ ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 21.

⁹ PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. p. 155. As referências a este livro serão feitas no corpo do texto, indicando-se entre parênteses as páginas.

Segundo uma autoridade no assunto, dialética é dessas palavras cujo emprego demanda toda uma política. Por isso costuma recomendar o seguinte modo de usar: em matéria de dialética, melhor praticá-la do que anunciá-la; mencioná-la, ainda que a propósito, é o meio mais seguro de conquistar aliados e fazer adversários sem que o assunto em pauta venha para o primeiro plano da análise e o acordo se faça em função do conteúdo exposto, e não das convicções anteriores.¹⁰

Astrojildo Pereira inicia essa obra de crítica machadiana com a apresentação de uma proposta de caráter aberto e autocrítico, mostrando que a práxis dialética é um objetivo que está em seu horizonte:

[...] não há aqui nenhuma presunção de formular juízos definitivos, ou de descobrir a pólvora. Nem se admite nada de indiscutível, de acabado e conclusivo, com ares de última palavra, em questão de natureza variável e controvertida, quais são aquelas abordadas nestas páginas. (p. 9)

Ainda na apresentação de *Ensaaios e apontamentos avulsos* o autor afirma que sua "linha geral de orientação crítica" permaneceria "a mesma de ponta a ponta". As "discrepâncias" resultariam, portanto, de "má aplicação da linha": "O que porventura escapar a esse critério deve ser descontado a título de mero impulso da escrita, nem sempre obediente aos freios do comedimento e da autocrítica" (p. 9).

No ensaio mais antigo do livro, "Romancista do Segundo Reinado" (1939) – texto que abre *Ensaaios e apontamentos avulsos* –, Astrojildo Pereira anuncia a interpretação sociológica que realizaria da obra machadiana, segundo a qual a literatura está diretamente relacionada ao contexto sócio-histórico no qual se insere: "Existe uma consonância íntima e profunda entre o labor literário de Machado de Assis e o sentido da evolução política e social do Brasil" (p. 14).

Pereira reafirma sua linha interpretativa em outros momentos: "na determinação do paralelismo e da consonância que procuramos estabelecer entre a obra de Machado de Assis e a evolução das condições sociais de seu tempo" (p. 24). E então corrobora e

¹⁰ ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 10.

justifica tal interpretação com uma fala machadiana: "eu tenho a inqualificável monomania de não tomar a arte pela arte, mas a arte como a toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana".¹¹

Tal linha interpretativa de abordagem sociológica da arte, no caso de Astrojildo Pereira, um marxista, pressupõe a teoria marxista como base dessa interpretação. Mas esse ponto não é explicitado por Pereira, a não ser pelas citações de Marx, Engels, Plekhanov e Stalin. Como lembra Konder, "Astrojildo nunca pôde desenvolver uma concepção especificamente estética a partir do marxismo: em geral, limitou-se a empregar as ideias de Marx no âmbito limitado de uma sociologia da literatura".¹²

Na introdução de *Para a crítica da economia política*, Marx alude ao problema de definição do valor estético de uma obra de arte. Especificamente a respeito da arte grega, escreve:

Mas a dificuldade não está em compreender que a arte grega e a epopeia estão ligadas a certas formas do desenvolvimento social. A dificuldade reside no fato de nos proporcionarem ainda um prazer estético e de terem ainda para nós, em certos aspectos, o valor de normas e de modelos inacessíveis.¹³

Acerca disso Konder resume: "Uma abordagem sociológica do tema não apresenta grandes dificuldades. O problema se complica mesmo quando a questão estética é reconhecida como crucial, que não deve ser escamoteada".¹⁴

Astrojildo Pereira, contudo, afirma a primazia da análise sociológica em detrimento da estética. Há que se pôr em linha de conta que o escamotear da estética por Pereira deve-se ao fato de ser ele um homem de seu tempo em espaço periférico ("questão de meio e de tempo", já acertara Machado): o esforço de Astrojildo Pereira era o de

¹¹ ASSIS *apud* PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*, cit., p. 52.

¹² KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros & marxismo*, cit., p. 17.

¹³ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 125.

¹⁴ KONDER, Leandro. *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista*. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 66.

interpretar a obra machadiana em outras bases, na contracorrente da leitura tão cristalizada de Machado de Assis como escritor universal e fino estilista.

Ademais, Marx jamais escreveu uma lógica, obviando ou ao menos esclarecendo o que, afinal, era dialética. A não ser por alguns textos introdutórios, a dialética se prova, se *mostra*, na obra marxiana, especialmente em sua obra mais madura, *O Capital*, a que dificilmente nosso crítico teve acesso integral.

No trecho a seguir Astrojildo admite a importância das questões estéticas da obra de arte. Reafirma, porém, a necessidade (e prevalência) da abordagem sociológica:

[...] a compreensão das obras de arte não pode ser alcançada em toda a plenitude se limitamos a sua análise unicamente aos aspectos e peculiaridades estéticas que apresentem. Não há a menor dúvida que a consideração estética tem de ser levada em conta, e muito, mas não é tudo e não esgota os critérios de avaliação crítica da obra. A crítica, para ser completa, deve analisar a obra com *critérios múltiplos e convergentes*. (p. 195, grifo nosso)

Nessa linha, Astrojildo Pereira enuncia alguns critérios de que se valeu para suas considerações. Resume:

Aí estão alguns dos elementos primordiais necessários a qualquer *análise dialética* das realidades sociais: o senso da relatividade, a desconfiança nas aparências, o espírito de contradição, a honestidade e a modéstia na busca da verdade. São normas que podem ser empregadas tanto na análise de caráter científico quanto na análise de caráter literário ou artístico. (p. 144, grifo nosso)

Dentre tais elementos, está o "critério de relatividade": "Toda opinião obedece a um critério de relatividade, determinado pela posição da pessoa que opina em relação à coisa sobre que opina". (p. 147) O critério de relatividade é reafirmado como necessário à análise literária quando da aproximação de situações históricas distantes:

[...] nessa questão de influências e elementos de formação é sempre necessário botar muita cautela, sem perder de vista o que é relativo em aproximações e afinidades entre homens que viveram em situações históricas diversíssimas. (p. 138)

Tal critério, no entanto, não impede Astrojildo Pereira de tecer considerações como as de que Machado de Assis, se tivesse vivido em outro momento, seria marxista, e de que Marx, caso tivesse conhecido a obra machadiana, seria seu admirador. Escreve ele no ensaio "Relações sociais": "Marx e Engels ter-se-iam regalado com o Brás Cubas". (p.192) Em "Pensamento dialético e materialista", afirma: "Se não estou enganado, o próprio Marx não desdenharia assinar o que aí escreveu o cronista carioca da *Gazeta de Notícias*". (p.146) Além de comentários literários como este: "Trata-se de uma obra-prima [o conto machadiano "A Igreja do Diabo"], que Diderot ou Voltaire assinariam sem tirar nem acrescentar uma vírgula". (p. 165)

Desconfiar da aparência dos acontecimentos, de sua superficialidade, é uma preocupação investigativa que, segundo Pereira, deve acompanhar qualquer crítico. No seu caso, a tentativa de aprofundamento mostra-se na grande quantidade de exemplos de que Pereira se vale para corroborar suas considerações. São exemplos colhidos na obra machadiana e então confrontados e interpretados, numa tentativa de ultrapassar sua aparência.

Certamente, o crítico também poderia realizar uma análise superficial com a apresentação de inúmeros exemplos. Mais que isso, porém, no lusco-fusco dessa obra com que muitos já se equivocaram, Pereira encontrou ou ao menos insinuou o seu nervo ao identificar os vínculos críticos de Machado de Assis com a realidade local.¹⁵

O autor afirma que "pouco importam as hesitações, aparências e acomodações de superfície" (p. 160), pois se preocupa em analisar o "fio subterrâneo" (p. 160) do pensamento machadiano.

¹⁵ E cremos não forçar a nota ao dizer que, da formação brasileira tal qual Machado caracterizou, todos, ou quase todos, os posteriores intérpretes do Brasil são devedores seus (com um acréscimo de pelo menos um século entre um e outros).

A desconfiança das aparências se expressa também na atenção que Astrojildo Pereira dá aos detalhes:

Pequenos nada de mínima importância, prováveis erros de revisão num ou noutro caso; mas são esses nada insignificantes que muitas vezes levam o pesquisador a grandes descobertas – pelo menos como excelente exercício de paciência, sem a qual não pode haver pesquisa, nem pequena nem grande. (p. 203)

O entendimento da realidade como contraditória é parte da concepção de dialética desde Heráclito de Éfeso. Na teoria marxista, entretanto, esse entendimento é apreendido para a transformação – material – da realidade.¹⁶ Por isso o "espírito de contradição" (p. 144) a que Pereira alude como instrumento interpretativo permite-nos aproximar sua concepção dialética não somente – ou não tanto – de Marx, mas de outros pensadores.

O intento de Pereira de defesa da honestidade na crítica literária liga-se ao protocolo de imparcialidade e busca da verdade. Condições críticas defendidas já por Machado de Assis em "O ideal do crítico":

Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessoais, nem os alheios, mas somente a sua convicção e a sua convicção deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas. [...] Com tais princípios, eu compreendo que é difícil viver; mas a crítica não é profissão de rosas, e se o é, é-o somente no que respeita à satisfação íntima de dizer a verdade.¹⁷

Contudo, no método de análise marxista, mais que a honestidade, busca-se a totalidade por meio da qual as imagens simplistas e unilaterais são substituídas por uma representação complexa e múltipla do objeto de estudo, em prol de uma abordagem dialética que leve a reconhecer suas particularidades.

¹⁶ Trabalhamos aqui com a compreensão da dialética marxista como um esforço constante por parte da consciência a fim de se abrir, de reconhecer o novo, o inédito e as contradições. Um esforço – crítico e autocrítico – no sentido de apreender a realidade em seu constante processo de transformação.

¹⁷ ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: _____. *Obra completa*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.3. p. 799.

O espírito crítico e autocrítico é uma das características essenciais da dialética.¹⁸ Astrojildo Pereira parece aludir a esse espírito ao apontar a modéstia como necessária para a análise literária. É, todavia, ao suprimir seu espírito autocrítico, que o intelectual considera sua argumentação tão acabada, que incontestável:

Ele [Machado de Assis] era um dialético inato, espontâneo, sua maneira de pensar era dialética, e seu pensamento era impregnado de elementos dialéticos. *Isto me parece incontestável*. Creio também que a essência materialista do seu pensamento não oferece margem a dúvidas sérias. (p. 151, grifo nosso)

Analisemos mais acuradamente o significado atribuído por Astrojildo Pereira a essa dialética tão presente em seu estudo. Primeiramente descrita por Pereira como a constante exposição dos contrastes e o frequente questionamento característicos da obra machadiana, essa ideia é generalizada, e a dialética passa a ser entendida como a contradição que "está em toda parte" (p. 144) dos escritos de Machado.

Em outro momento define o "conceito dialético" (p. 89) presente na obra de Machado de Assis como "luta entre o novo que surge para a vida e o velho que resiste e não quer morrer" (p. 89). E resume sua acepção de dialética nesta afirmação:

A obra de Machado de Assis, livro por livro, página por página, ficção e crônica, prosa e verso, se desenvolve toda ela segundo uma linha quebrada ou sinuosa de movimentação dialética. Tudo nela é *contraste, contradição, conflito*. (p. 140, grifo nosso)

Observe-se que essa concepção de dialética sintetizada em contraste, contradição e conflito é, essencialmente, heracliteana. Não que a dialética marxista não seja o entendimento da realidade como contraditória (e contrastante e conflituosa), porém, mais que uma interpretação do mundo, ela é o compromisso com a transformação prática dele.

¹⁸ KONDER, Leandro. *O que é dialética*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Há em *Ensaaios e apontamentos avulsos* todo um capítulo dedicado a caracterizar Machado de Assis como um escritor materialista e dialético, o ensaio "Pensamento dialético e materialista" (p. 123). Nesse texto, Astrojildo Pereira descreve o que entende como um processo "essencialmente materialista" (p. 131) por meio do qual vincula Machado de Assis ao materialismo histórico-dialético marxista, ou, ao menos, ao que entendia como tal.

O processo machadiano de, por meio da metáfora, tornar o imaterial material seria, segundo Pereira, materialista. Cita, entre outros exemplos, o diálogo entre prima Justina e Bentinho em *Dom Casmurro*, em que o protagonista sente a força do olhar de sua interlocutora: "Só então senti que os olhos de prima Justina, quando eu falava, pareciam apalpar-me, ouvir-me, cheirar-me, gostar-me, fazer o ofício de todos os sentidos".¹⁹

Se, nesse ensaio, Astrojildo Pereira entende o uso de tal "processo materialista" (p. 131) como consciente, sem que sua aplicação seja "meramente intuitiva" (p. 131), adiante dirá:

Não foi Machado de Assis – nem podia ser nas condições brasileiras do seu tempo – o que se chama hoje um materialista consequente, e muito menos um materialista dialético, de filiação ou parentesco marxista. Há boas razões para saber que não conhecia Marx e Engels, nem sequer de simples leitura. Mas o fio essencial do seu pensamento é materialista, e seu processo de pensar e de exprimir-se é um processo dialético. O estudo e a experiência o levaram a uma concepção materialista da vida, se bem que nem sempre coerente e consequente em sua expressão; já o processo dialético era nele coisa a bem dizer do berço, *instintiva, congênita*. (p. 135, grifo nosso)

Caso compreendamos a dialética como um compromisso de práxis revolucionária, dificilmente poderemos conceber que isso se daria espontaneamente, intuitivamente ou espiritualmente, como atesta Pereira para o caso machadiano. Daí deprendermos que Pereira toma a dialética muito mais como um conceito simplesmente teórico do que como

¹⁹ ASSIS *apud* PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*, cit., p. 126.

um compromisso prático.²⁰ E tal aspecto marcadamente teórico deve ser entendido como um enfraquecimento da dialética à luz da instrumentalização do trabalho teórico empreendida por Stalin.

Astrojildo Pereira aponta "certo parentesco ideológico" (p. 132) entre a obra machadiana e o "pensamento dos materialistas e dialéticos gregos, entre os quais se destaca precisamente Heráclito de Éfeso" (p. 132).

Aproximar Machado de Assis dos materialistas e dialéticos gregos é possível, viável e mais aceite do que aproximá-lo de Marx. Tal aproximação, no entanto, por se dar superficialmente, parece mais uma estratégia de Pereira para aproximar a obra machadiana da teoria marxista. Ele nega: "Não estou pensando em puxar a brasa para a minha sardinha, arbitrariamente, ao demorar a atenção sobre as influências dialéticas na formação espiritual de Machado de Assis". (p. 135)

Ao comentar uma crônica de Machado, Astrojildo Pereira reconhece na sentença machadiana "Ao cabo, só há verdades velhas, caiadas de novo"²¹ a "fórmula exata" (p. 210) do conceito de dialética. No entanto, a afirmação de Machado de Assis parece mais uma crítica ao fato de as notícias serem sempre as mesmas, apenas com aparência de novas, demonstrando uma descrença quanto à existência do novo, o que não é dialético. Pois a dialética marxista – e vale dizer que Astrojildo Pereira não a diferencia da heracliteana, da aristotélica ou da hegeliana, ele apenas distingue "materialistas antigos e modernos" (p.136, "Pensamento dialético e materialista") – propõe a abertura para o novo de fato e não para o velho "maquiado", é uma "concepção do mundo segundo a qual existe sempre alguma coisa de novo sob o sol",²² muito embora algo do velho sempre se conserve.

Verificamos, portanto, que os elementos materialistas e dialéticos apontados por Astrojildo Pereira na obra machadiana não a ligam, como parecia pretender o crítico, a Marx, mas sim a outros pensadores cujas ideias Machado de fato estudou (Heráclito, Pascal e Montaigne, entre eles).

²⁰ De certo não estamos questionando o compromisso de práxis revolucionária de Astrojildo Pereira, que como se sabe, foi um militante; mas o uso que o crítico faz da dialética em sua análise da obra machadiana.

²¹ ASSIS *apud* PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*, cit., p. 210.

²² KONDER, Leandro. *O que é dialética*, cit., p.60.

É possível aceitarmos, após a leitura de *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*, que Machado de Assis seja um escritor materialista e dialético. No entanto, precisaremos cuidadosamente diferenciar – o que Astrojildo Pereira não faz – a dialética heracliteana da marxista e das demais. Sem isto, correremos o risco de nos enredar na mesma teia de que Pereira foi, ao mesmo tempo, artífice e vítima.

Reconheçamos que a dialética em questão, de Astrojildo Pereira, ao mesmo tempo em que não é heracliteana, é desprovida da complexidade hegeliana e da riqueza subversiva de Marx: a dialeticidade de nosso crítico é originária de um limbo, empobrecedor e reducionista – o que só revela a fertilidade analítica de Astrojildo Pereira, que superou a própria limitação da apropriação enviesada do marxismo.

Malgrado as imprecisões, Astrojildo Pereira demonstra-nos que ao menos vislumbrava a complexidade de tal conceito ao criticar o uso que dele faz o crítico Gustavo Corção, uma vez que, para Pereira, o "caráter dialético" (p. 155) atribuído por Corção a *Memórias póstumas de Brás Cubas* tem o sentido equivocado de negação das obras anteriores: "o termo 'dialético' aparece ali num plano demasiado restrito, formal e de inspiração idealista". (p. 156)

Em sua própria crítica, no entanto, o adjetivo "dialético" sofre um esvaziamento de sentido por ser usado com tanta frequência: "sentido dialético" (p. 140), "desenvolvimento dialético" (p. 141), "realismo dialético" (p. 141), "fio dialético" (p. 141), "natureza dialética" (p. 147), "noção dialética" (p. 148) e "homem dialético" (p. 149), por exemplo. Tal uso recorda o que Chasin (referindo-se a Karl Kautsky) denominou uma "fervorosa invocação aos poderes mágicos do sacro nome da dialética".²³

Sessenta e cinco anos após a escrita da crônica que vai em nossa epígrafe, na qual Machado de Assis ironiza o incipiente, superficial e distorcido socialismo no Brasil, e cinquenta e um anos depois de o jovem Astrojildo Pereira ter beijado por todos nós as mãos do mestre moribundo, publicava-se sua outra homenagem ao escritor: *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*.

²³ CHASIN, José. Posfácio. In TEIXEIRA, Francisco. *Pensando com Marx*. São Paulo: Ensaio, 1995. p. 341.

Nessa obra o crítico priorizou o estudo de temas sociais em detrimento das questões estéticas, numa intenção propagandista então veiculada em sua análise literária. Por isso, a leitura de Pereira da obra de Machado de Assis por um lado levantou questões bastante férteis, por outro perdeu em profundidade e limitou-se a sociologizar a obra machadiana.

É preciso dizer, todavia, que Astrojildo Pereira foi além da empobrecedora instrumentalização stalinista da dialética. Ele demonstra por meio de suas considerações que pensou profundamente tal conceito e que lhe dispensou uma importância bem maior que o marxismo vulgar lhe conferia: a dialética desempenha papel primordial na análise realizada em *Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos*.

Por fim, recordemos que esse crítico não se entregou ao sectarismo estadonovista (nem ao sectarismo stalinista): valeu-se da mesma desconfiança de seus ídolos, Marx e Machado.

Gabriela Manduca
USP

Gabriela Manduca Ferreira é mestranda em Literatura Brasileira na USP e desenvolve, desde a Iniciação Científica, pesquisas na área da recepção crítica de Machado de Assis.